

DEM OGR AFIA



Lisbon School
of Economics
& Management
Universidade de Lisboa

2025/2026

Aula 3.

2. A demografia das sociedades contemporâneas

2.2. Teorias da transição demográfica

Leitura:

Lesthaeghe, R. (2010). The unfolding story of the Second Demographic Transition. *Population and Development Review*, 36(2), 211–251. <https://doi.org/10.1111/j.1728-4457.2010.00328.x>

Em 3 min?

Ron Lesthaeghe propõe que, depois da clássica transição de alta para baixa natalidade e mortalidade, muitos países entraram numa Segunda Transição Demográfica marcada por fecundidade persistentemente abaixo do nível de reposição e pela pluralização das formas familiares.

Ele mostra que mudanças de valores (individualismo, igualdade de género, secularização) explicam melhor estas tendências do que fatores económicos isolados, e que cada região segue trajetórias próprias, com forte heterogeneidade entre Norte, Sul e Leste da Europa. O artigo conclui que a SDT é um processo aberto e diversificado, cujas implicações centrais são o envelhecimento populacional, a necessidade de políticas familiares e a crescente importância da imigração.

Em 3 min?

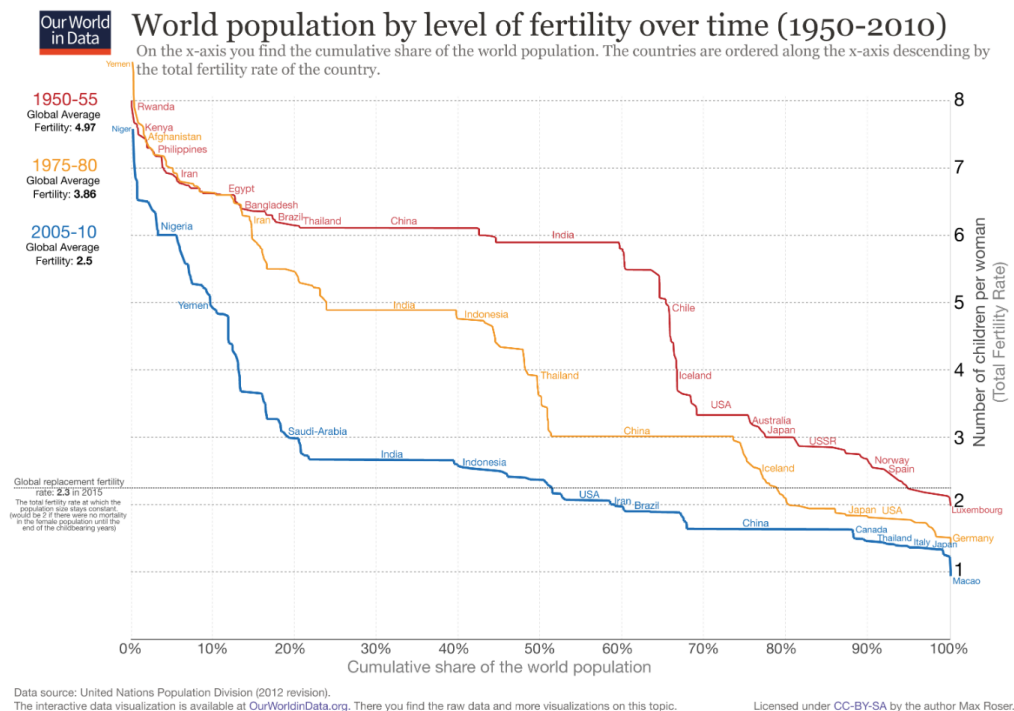
Tweets

Vamos pensar a divulgação destas mensagens.

Como justificar estas escolhas?

- Se perdeste a primeira, não vais conseguir perder a segunda!
- Os nascimentos fora do casamento ainda nos chocam
- Mais que uma moda da europa do norte
- Novos valores demográficos
- A bola de cristal de Lesthaeghe

Se perdeste a primeira, não vais conseguir perder a segunda!



- O que é uma transição demográfica?
- Quais as diferenças entre a primeira e a segunda transição?
- A tendência para a generalização é observada?

- **O que é uma transição demográfica?**

Em demografia, o conceito clássico de transição demográfica refere-se especificamente à passagem de um regime de altas taxas de mortalidade e natalidade para outro de baixas taxas de mortalidade e natalidade, porque esse foi o grande processo histórico que transformou as populações desde o século XVIII. De forma mais geral, transição demográfica pode significar qualquer mudança estrutural e duradoura no regime de reprodução populacional, que inclui os padrões de natalidade, mortalidade e estrutura etária que determinam como uma população se renova ao longo do tempo.

- **Quais as diferenças entre a primeira e a segunda transição?**

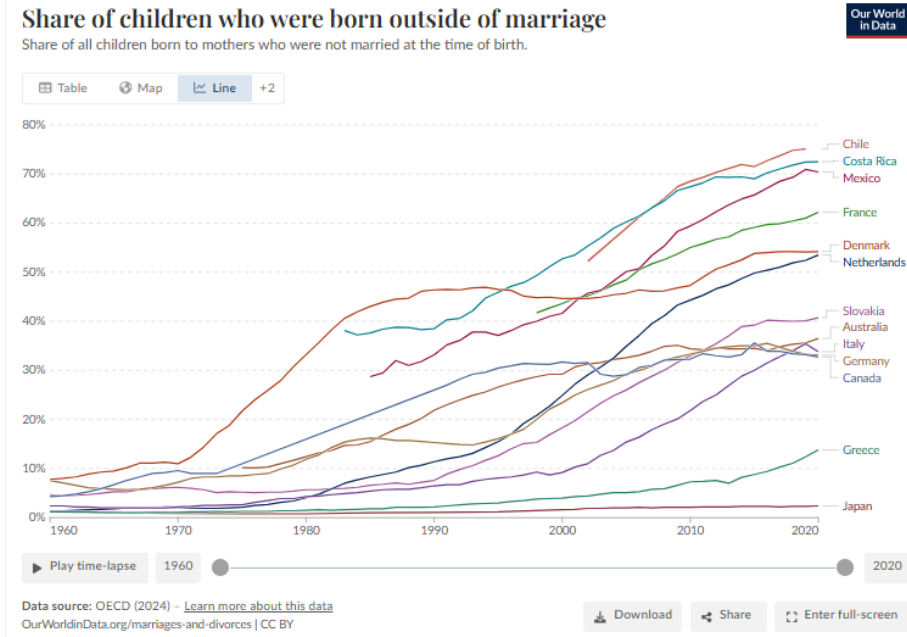
A primeira corresponde ao processo histórico iniciado na Europa a partir do séc. XVIII e depois difundido globalmente. Inclui a queda da mortalidade graças a melhorias médicas, de alimentação e saneamento. Queda subsequente da natalidade, levando a fecundidade próxima do nível de reposição (~2,1 filhos/mulher). Casamento universal e precoce, família nuclear estável e ligação estreita entre casamento e procriação.

A Segunda Transição Demográfica (SDT) é também cultural. A fecundidade persistentemente abaixo do nível de reposição, mesmo quando há “recuperação” em idades mais tardias. Dissociação entre casamento e parentalidade: aumento da coabitação, uniões LAT (living apart together), nascimentos fora do casamento, famílias monoparentais e recompostas. Adiamento ou renúncia ao casamento e à maternidade/paternidade. Mudança de valores: secularização, individualismo, igualdade de género, busca de auto-realização. Difusão da contraceção eficaz e novas tecnologias reprodutivas, que reforçam a autonomia individual.

- **A tendência para a generalização é observada?**

O artigo mostra que elementos da SDT generalizaram-se para além da Europa Ocidental: pra a Europa de Leste após 1989, para a América do Norte e Oceânia e, em parte, para a Ásia oriental e América Latina. Mas **não é um processo uniforme.**

Os nascimentos fora do casamento ainda nos chocam?



- **O que representam os nascimentos fora do casamento, de acordo com o autor?**
- **Que outros indicadores demográficos têm o mesmo papel no artigo?**
- **Vantagens e limites dos indicadores**

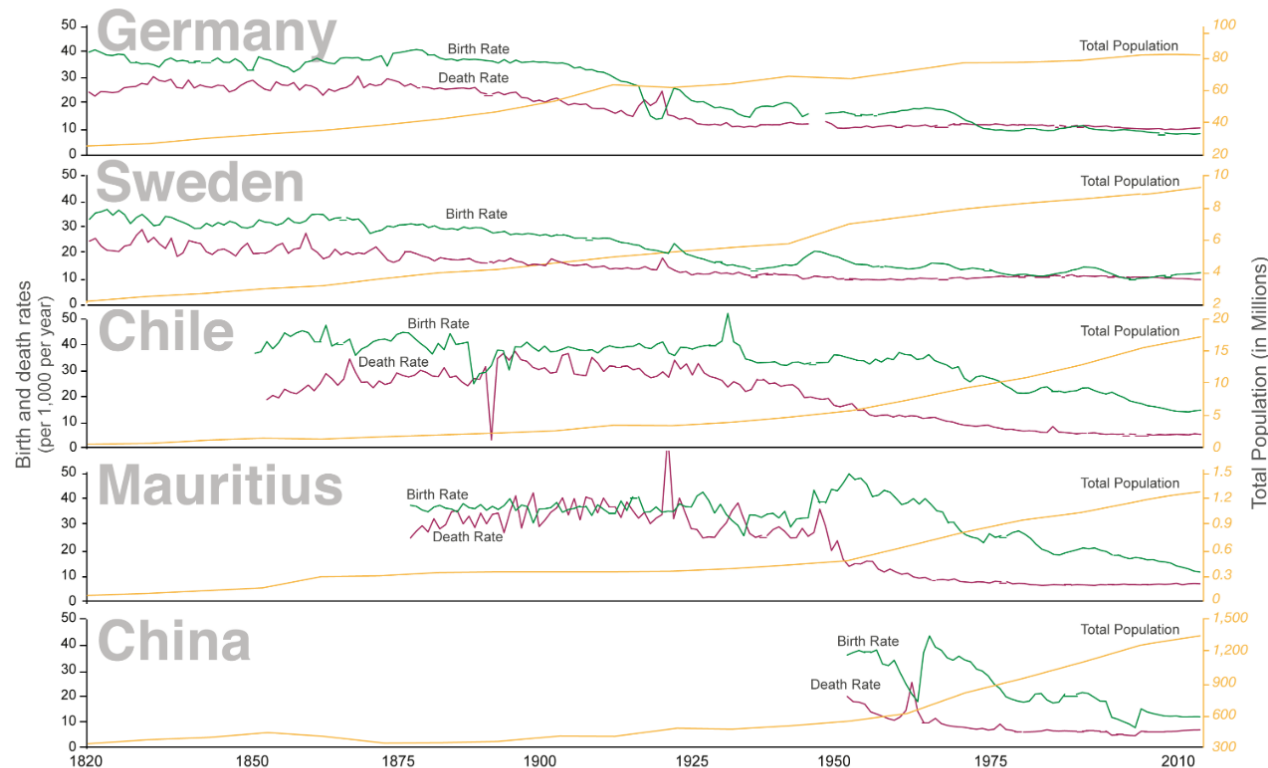
- **O que representam os nascimentos fora do casamento, de acordo com o autor?**
- Sinal de dissociação entre casamento e procriação – mostram que ter filhos deixa de estar obrigatoriamente ligado à instituição matrimonial. Revelam novas normas familiares: aceitação social da coabitação, famílias monoparentais ou “LAT” (living apart together). Expressam mudança de valores (individualismo, igualdade de género, secularização) mais do que simples condições económicas.
- **Que outros indicadores demográficos têm o mesmo papel no artigo?**
- Marcadores demográficos de transformação cultural: idade média à primeira união/casamento mede adiamento da vida conjugal, maior período de vida individual; difusão da coabitação, mede aceitação social de viver em casal sem casar; taxa global de fecundidade (TFR) abaixo da reposição: mede escolha consciente de ter poucos ou nenhum filho, autonomia reprodutiva; taxas de divórcio, mede (menor) rigidez das instituições familiares, ênfase na satisfação pessoal; proporção de mulheres sem filhos ao final do período fértil, mede opção deliberada de não parentalidade.
- **Vantagens e limites dos indicadores**
- Nascimentos fora do casamento
- Idade média ao primeiro casamento.
- Difusão da coabitação
- Taxa Global de Fecundidade

Mais que uma moda da europa do norte

OurWorld
in Data

The Demographic Transition in 5 Countries

The Demographic Transition refers to the transition from high birth & death rates to low birth & death rates. It is shown here for five countries that achieved the transition one after the other.



Data source: The data on birth rates, death rates and the total population are taken from the International Historical Statistics, edited by Palgrave Macmillan (April 2013).

The interactive data visualisation is available at OurWorldinData.org. There you find the raw data and more visualisations on this topic.

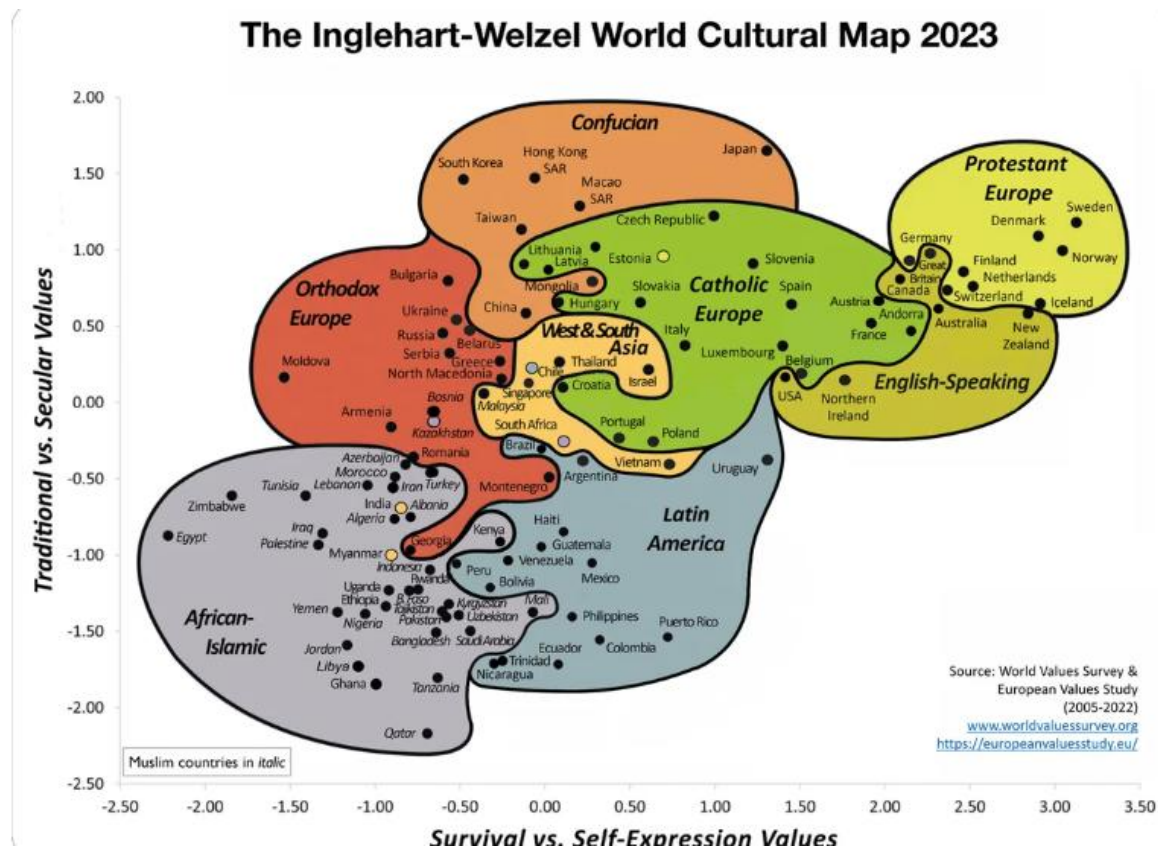
Licensed under CC-BY-SA by the author Max Roser.

- Quais as diferenças regionais exploradas?
- O que nos diz o caso de Portugal e do sul da europa?
- Como o autor explica as diferenças?

- **Quais as diferenças regionais exploradas?**
- **Europa do Norte e Oeste.** Coabitação e nascimentos fora do casamento muito precoces e amplos. Fecundidade caiu, mas depois recuperou ligeiramente (perto de 1,7–1,9). Longa tradição de individualismo, políticas familiares generosas, igualdade de género e aceitação social de novos modelos familiares. Forte secularização e valores “pós-materiais” (autonomia, igualdade de género).
- **América do Norte e Oceânia:** padrões próximos dos países nórdicos (coabitação e extraconjugalidade elevadas, fecundidade moderada).
- **Sul da Europa. Forte adiamento do casamento e da parentalidade;** jovens saem de casa muito tarde. Coabitação e nascimentos fora do casamento demoraram mais a crescer, ficando inicialmente abaixo da média europeia. Fecundidade entre as mais baixas da Europa (1,2–1,4).
- **Europa Central e de Leste.** Queda súbita da fecundidade após 1989, muitas vezes para “lowest-low” (<1,3). Aumento da coabitação, mas com grande variação. Colapso económico pós-socialismo, incerteza laboral, mudanças institucionais rápidas – não apenas transformação de valores, mas conjuntura económica crítica.
- **Leste Asiático:** fecundidade extremamente baixa, mas pouca difusão de coabitação e extraconjugalidade, mostrando que valores tradicionais podem coexistir com SDT em termos de natalidade.

- **O que nos diz o caso de Portugal e do sul da europa?**
- Trajetória semelhante à espanhola: queda acentuada da fecundidade a partir da década de 1980, com coabitação e nascimentos fora do casamento a crescer mais tarde, mas acelerando nos anos 2000. Lesthaeghe destaca Portugal como exemplo de desfasamento entre indicadores: a fecundidade já indicava SDT, mas os dados de coabitação e extraconjugalidade ficaram atrás do Norte da Europa. Coabitação e nascimentos fora do casamento durante décadas continuaram relativamente baixos quando comparados com o Norte da Europa. Havia maior pressão social e religiosa para casar antes de ter filhos. Jovens permaneciam mais tempo na casa dos pais e casavam mais tarde.
- **Como o autor explica as diferenças?**
- Path dependence cultural: peso histórico da Igreja Católica e de normas familiares tradicionais.
- Estrutura económica e de bem-estar: mercado de trabalho e políticas públicas que atrasavam a saída dos jovens de casa

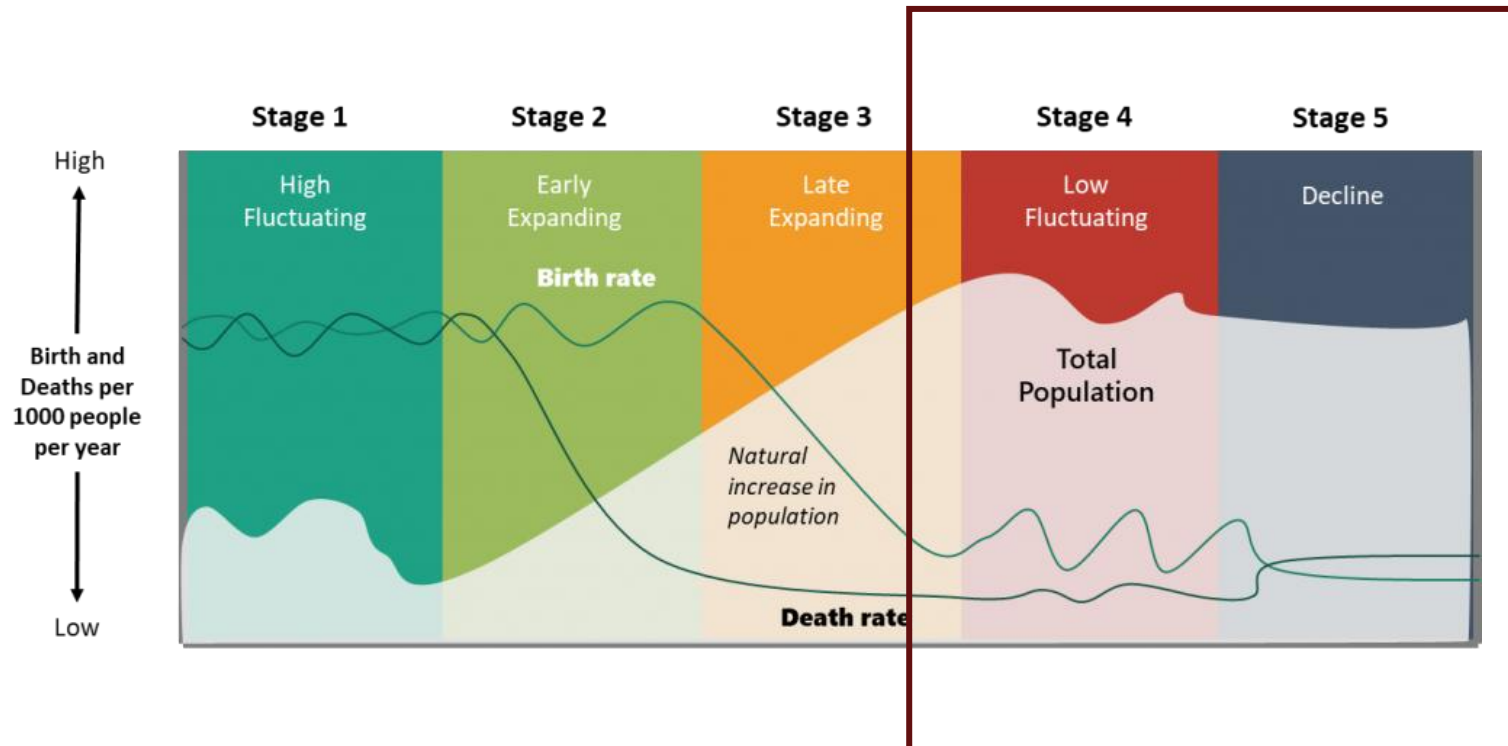
Novos valores demográficos



- Como os valores sociais influenciam a transição demográfica
- Como observa a transição de um aumento no investimento de qualidade na criança para o foco do autorealização adulta
- Que limitações deste argumento?

- **Como os valores sociais influenciam a transição demográfica?**
- Segundo o autor, a STD depende fortemente de mudanças de valores: secularização (enfraquecimento da autoridade religiosa e moral tradicional); individualismo e autonomia pessoal (prioridade dada à liberdade de escolha sobre casamento, maternidade/paternidade e estilo de vida); igualdade de género (maior participação feminina na educação e no trabalho, redefinindo papéis familiares); pós-materialismo (quando as necessidades materiais básicas estão satisfeitas, cresce a ênfase em autoexpressão, qualidade de vida e realização pessoal). Esses valores modificam diretamente comportamentos demográficos: adiamento do casamento e da maternidade, aceitação da coabitação e da parentalidade fora do casamento, maior incidência de divórcios e de não-parentalidade voluntária.
- **Como observa a transição de um aumento no investimento de qualidade na criança para o foco do autorealização adulta?**
- Primeira Transição – os pais reduzem o número de filhos para investir mais na “qualidade” de cada criança (educação, saúde, mobilidade social). Segunda Transição – o objetivo central desloca-se para a auto-realização dos adultos: decisões sobre ter (ou não) filhos, quando tê-los e em que tipo de relação, passam a ser avaliadas em função de projetos individuais de carreira, lazer, desenvolvimento pessoal. Este argumento ajuda a explicar a fecundidade persistentemente abaixo do nível de reposição e o adiamento da parentalidade em contextos de abundância material e elevado capital humano.
- **Que limitações deste argumento?**
- Redução culturalista: ao enfatizar valores, pode subestimar fatores económicos e institucionais (mercado de trabalho precário, políticas de apoio à família, preço da habitação) que também condicionam as decisões reprodutivas. Generalização difícil: em regiões como o Sul da Europa ou o Leste Asiático, a fecundidade muito baixa convive com persistência de valores familiares tradicionais, mostrando que não é necessário um completo “pós-materialismo” para que a natalidade caia. Medir valores é complexo e a relação causal entre valores declarados e comportamentos efetivos nem sempre é direta; Crises económicas ou políticas (ex.: recessão de 2008) podem alterar temporariamente comportamentos, independentemente de mudanças culturais profundas.

A bola de cristal de Lesthaeghe



- Quais as previsões demográficas
- Quais os alertas e recomendações?
- Passamos 15 anos da publicação, resultados ainda válidos?

- **Previsões demográficas**

- Fecundidade persistentemente abaixo do nível de reposição; não haverá retorno estável a níveis de substituição, mesmo com algum “recupero” em idades mais tardias.
- Implicações para a estrutura etária; Continuação do envelhecimento populacional; O prolongamento da esperança de vida combinado com fecundidade baixa implica aumento da proporção de idosos e declínio da população em idade ativa.
- Difusão gradual da SDT para outras regiões: A SDT não segue uma sequência única; países podem apresentar baixa fecundidade sem forte secularização (ex.: Leste Asiático) ou, inversamente, mudança de valores sem queda acentuada da natalidade.
- Não linearidade e heterogeneidade

- **Quais os alertas e recomendações?**

- Envelhecimento rápido traz desafios para sistemas de pensões, saúde e políticas sociais.
- Dependência de imigração: Em vários países, a imigração torna-se necessária para compensar a redução natural da população, o que pode gerar novas tensões de integração e políticas migratórias complexas.
- Políticas familiares e de conciliação: Experiências de países nórdicos mostram que apoios generosos à parentalidade e igualdade de género podem ajudar a estabilizar a fecundidade em torno de 1,7–1,8.
- Integração da imigração: Os governos devem considerar estratégias de acolhimento e integração para equilibrar a força de trabalho e lidar com o envelhecimento.
- Monitorização multidimensional: nenhum indicador isolado é suficiente; é necessário acompanhar vários marcadores para orientar políticas.

Tweets

Sugestões alternativas?

- Se perdeste a primeira, não vais conseguir perder a segunda!
- Os nascimentos fora do casamento ainda nos chocam
- Mais que uma moda da europa do norte
- Novos valores demográficos
- A bola de cristal de Lesthaeghe

Que outros destaques fariam do artigo?

What other highlights would you draw
from the article?

Teorias da transição demográfica

Relacionando com a aula anterior

- Que transição decorre atualmente na África Subsariana?
- Que fatores estruturais ou culturais podem acelerar ou travar a passagem para níveis de fecundidade mais baixos nessa região?
- A mudança de valores é pré-requisito para a transição?

E quê?

2. A demografia das sociedades contemporâneas

2.2. Teorias da transição demográfica

Lesthaeghe, R. (2010). The unfolding story of the second demographic transition (Population Studies Center Research Report No. 10-696). University of Michigan, Institute for Social Research.

- **Porque é que foi escolhido este artigo?**
- O que nos diz sobre a demografia, enquanto disciplina?
- O que nos diz sobre o caso português?
- O que aprendi novo com ele? O que me surpreendeu mais?
- Pérolas ou rosquinhas doces?



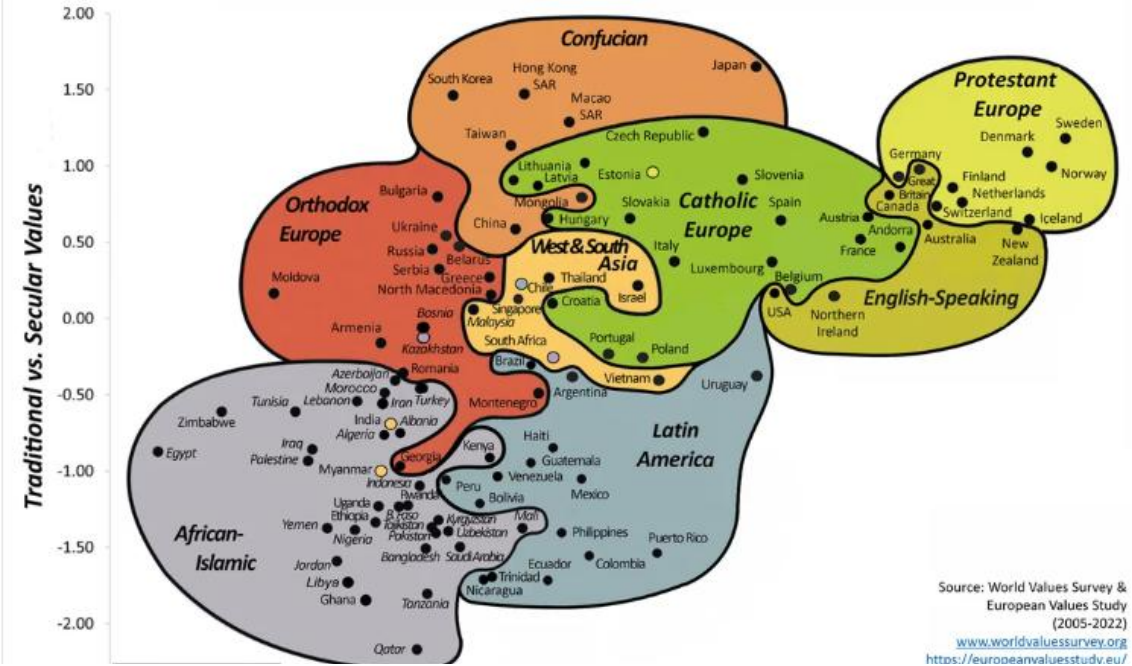
Lisbon School
of Economics
& Management
Universidade de Lisboa

E mais?

<https://www.worldvaluessurvey.org/WVSContents.jsp?CMSID=Findings>

<https://www.theculturefactor.com/country-comparison-tool>

The Inglehart-Welzel World Cultural Map 2023

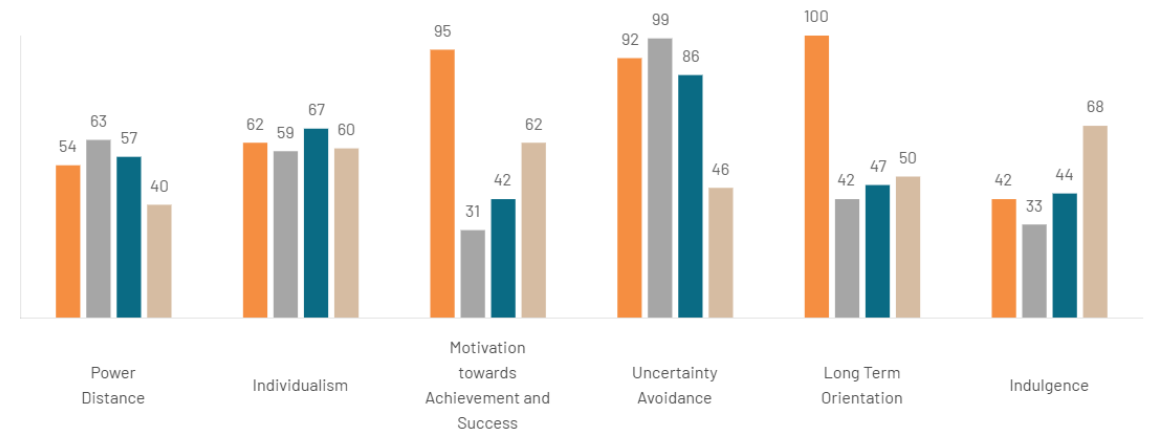


Japan x

Portugal x

Spain x

United States x



Próxima aula

2. A demografia das sociedades contemporâneas

2.3. Teorias da fecundidade

Leitura:

Billari, F. C. (2008). Lowest-low fertility in Europe: Explaining the causes and finding some surprises. The Japanese Journal of Population, 6(1), 2–18.

*Trabalho em aula. Agendamento de sala com PC'S